

## CONTROLE DO TÓPICO E DA TOMADA DE TURNO EM ENCONTROS ASSIMÉTRICOS

Maria Izabel S. Magalhães  
UnB

### Introdução

Os encontros assimétricos têm sido investigados, nos últimos anos, por lingüistas e sociólogos preocupados com a estratificação social da fala e com o uso lingüístico contextualizado. Constituem esses encontros importantes fontes de informações a respeito das relações entre língua e poder: permitem-nos constatar, por exemplo, que os falantes, competentes comunicadores, procuram observar variações fonológicas, lexicais, morfossintáticas e cinésicas que refletem diferentes estratos sociais. O uso lingüístico está marcado pela estrutura social: não falamos a todos da mesma forma; selecionamos o **modo de falar**<sup>2</sup> de acordo com a hierarquia social do interlocutor e com o ambiente da interação. Por outro lado, sabemos que as pessoas falam com mais ou com menos autoridade. As palavras têm diferentes pesos, dependendo de **quem** fala e **como** fala. Algumas palavras enunciadas em determinadas situações têm uma força e um poder persuasivo que não teriam, fossem outras as circunstâncias<sup>3</sup>.

Pode-se observar a estratificação social da fala na organização discursiva dos encontros assimétricos. Nestes encontros, em oposição a recentes estudos de análise da conversação, a tomada de turno não segue normas pré-estabelecidas para outros tipos de interação<sup>4</sup>. Por exemplo, a regra da auto-seleção na tomada de turno ocorre normalmente em conversas entre iguais mas dificilmente se aplica ao falante subalterno. Os encontros assimétricos, estudados em seu contexto sócio-cultural específico<sup>5</sup>, evidenciam o predomínio do tópico do falante mais forte e o seu controle da tomada de turno.

O objetivo deste estudo é analisar o tópico discursivo e a tomada de turno em conversas entre benzedoras e clientes, observadas e gravadas de 1981 a 1983, nas cidades satélites de Brasília-DF<sup>6</sup>. Nesses encontros, as benzedoras controlam suas interações com as clientes. No que se segue, clarifico o conceito de

controle, realizado discursivamente pela tomada de turno, pelo controle do tópico e pela força pragmática. Controle é a manifestação de poder no discurso. O poder das benzedeadas têm dois aspectos: por um lado, deriva de seu acesso às entidades divinas; por outro, é adquirido através da iniciação às práticas das benzedeadas<sup>7</sup>.

#### Atributos dos papéis das benzedeadas e clientes

Com relação à tomada de turno e ao controle do tópico, é importante distinguir os papéis das benzedeadas e das clientes.

TABELA 1 - Diferenças nos atributos dos papéis das benzedeadas e clientes.

Benedeada	Cliente
Nível 1: Contata as entidades divinas.	Participa deste contato apenas enquanto objeto das ações da benedeada.
Nível 2: Dirige-se à cliente (ou a instruí). Sempre recita fórmulas mágicas (as benzedeadas). Abre e fecha os episódios rituais.	Não se dirige à benedeada (recebe suas instruções). Raramente recita fórmulas mágicas. Observa as ações da benedeada.

A violação desses atributos de papéis poderá ser punida pelas entidades divinas. Na prática, quando as benzedeadas falam de punição, encobrem o temor de competição. O fato de que elas dependem largamente de contribuições financeiras das clientes (o "agrado") constitui-se motivo para manter as práticas secretas e, conseqüentemente, para evitar a participação das clientes nas ações.

Um outro motivo é que as benzedeadas representam

a "autoridade da tradição", outorgada pela comunidade<sup>8</sup>. Sua fala simboliza "poder e saber". A passividade da cliente atribui-se ao fato de que seu papel, ao contrário da benzedeira, não é valorizado pela comunidade.

Acrescente-se que as benzedeiros possuem, em seu repertório comunicativo, uma variedade de frases e expressões, em parte tomadas de empréstimo à Religião Católica, em parte baseadas no sistema de crença da comunidade. Estão em seu poder decidir o valor dessas frases, mas elas podem invocar a autoridade da Igreja e da comunidade para legitimar suas práticas. Seguem-se alguns exemplos:

- (1) referências bíblicas: "Jesus quando andô no mundo";
- (2) invocação de entidades católicas: Jesus Cristo, a Virgem Maria, os santos;
- (3) expressões religiosas: "graças ao Salvador do Céu e da Terra", "cum a graça de Deus e no amor do Pai";
- (4) enunciados com valor moral: "nunca se sentã no meio d'uma porta" (para evitar o mal).

Considero essas expressões como legitimação do papel institucional da benzedeira; elas são, de certa forma, ideologias naturalizadas<sup>9</sup> cujo caráter real encontra-se mascarado pelo fato de serem baseadas no senso comum. Pode-se interpretá-las como expressões que servem para manipular as clientes. Tal manipulação é um exemplo efetivo de controle, em parte porque as clientes aceitam-na inconscientemente. Devido ao uso dessas frases e expressões, é improvável que as clientes questionem a autoridade das benzedeiros e a validade de suas práticas.

#### Aberturas e fechos

Apresento, nesta seção, uma análise de aberturas e fechos no encontro benzedeira-cliente, para evidenciar o controle da tomada de turno por parte da benzedeira. Essa análise considera estruturas focais nas rezas e benzeções. Supõe-se que tais estruturas têm a força de aberturas e fechos porque correspondem ao conhecimento e às expectativas dos participantes a respeito desse "tipo de atividade"<sup>10</sup>.

Um conceito chave nesta abordagem é o de "pares

adjacentes", que foi introduzido por Schegloff e Sacks (1973). Um par adjacente é uma seqüência de dois turnos (defino turno abaixo) que são adjacentes, enunciados por falantes diferentes, ordenados como primeira parte e segunda parte do par e relacionados de tal forma que a primeira parte deve ser seguida da segunda. Considera-se o par adjacente uma das unidades básicas da conversa (Coulthard, 1977; 1981; Levinson, 1983)<sup>11</sup>, embora a adjacência nem sempre seja rigorosa, como neste exemplo de Schegloff (1972:268).

- (5) Mulher - Sobre o que você está pensando? (A<sub>1</sub>)  
Marido - Quem disse que eu estou pensando? (B<sub>1</sub>)  
Mulher - Você está brincando com o cabelo. (B<sub>2</sub>)  
Marido - Isso não quer dizer nada. (A<sub>2</sub>)

O marido responde à pergunta da mulher (A<sub>1</sub>) com outra pergunta (B<sub>1</sub>) e, na verdade, o par adjacente (B<sub>1</sub>-B<sub>2</sub>) se insere entre (A<sub>1</sub>) e sua resposta (A<sub>2</sub>).

Para falar de estrutura no encontro benzedeira-cliente, é fundamental distinguir entre turno (turn) e piso (floor). Edelsky (1981:403-5) define turno como:

"on record 'speaking' (which may include non-verbal activities) behind which lies an intention to convey a message that is both referential and functional."

Por outro lado, piso é:

"the acknowledged what's-going-on within a psychological time/space."

Embora esteja aberta à interpretação a frase "the acknowledged what's-going-on", supõe-se que a intenção de transmitir uma mensagem (turno) difira da noção de tempo/espaço psicológico (piso). Nos episódios rituais, a cliente detém turnos mas raramente o piso, já que é a benzedeira quem controla o tempo/espaço psicológico. Ao dar instruções à cliente, para responder perguntas ou repetir palavras, ela lhe oferece a oportunidade de participar da encenação mas não do poder das rezas e benzeções. Este poder, como já disse, adquirido através da iniciação com um membro idoso da comunidade (geralmente a mãe), não é partilhado com as pessoas que se beneficiam das práticas terapêuticas.

Em primeiro lugar, considerarei a estrutura dos pares adjacentes. (6) tem a estrutura AB-BA-BA-BA:

- (6)
- |  |                   |
|--|-------------------|
| C: (Chama)   | (A <sub>1</sub> ) |
| B: vamo entrá <sup>12</sup>  | (B <sub>1</sub> ) |
| P: pode atender  | (C <sub>1</sub> ) |
| B: veio prá recebê oração, minha filha                                     | (B <sub>2</sub> ) |
| C: é dona G., queria que a senhora me benzesse qui eu tô - cum problema aí | (A <sub>2</sub> ) |
| B: 'cê já veio aqui alguma vez   | (B <sub>3</sub> ) |
| C: já  | (A <sub>3</sub> ) |
| B: 'cê já tem seu nome aqui  | (B <sub>4</sub> ) |
| C: tenho, M.C.   | (A <sub>4</sub> ) |

(A benzedeira R.G.G. explicou-me então (P) que precisava do nome e do endereço da cliente e, depois disso, relatou-me um pouco de sua experiência.) (Fita 17:7)

Minha participação na conversa acima foi de observadora, assim o que digo em (C<sub>1</sub>) tem o valor de "fala lateral" (aside) (Jefferson, 1972).

A estrutura de tomada de turno em (6) oferece-nos informações importantes sobre a relação entre as participantes. A conversa se inicia por um chamado (A<sub>1</sub>) da cliente (ela chama à porta da casa da benzedeira). A benzedeira a convida a entrar (B<sub>1</sub>). Em seguida, a organização de turnos modifica-se de AB para BA e mantém-se assim até o final. Esta modificação estrutural mostra que a benzedeira é a participante mais forte. Ela não aguardou o pedido da cliente: ela sabia que as pessoas vinham a sua casa para serem "banzidas", então omitiu a etapa do pedido e foi direto ao motivo da visita, com a pergunta (B<sub>2</sub>). Esta pergunta se segue de duas outras (B<sub>3</sub>) e (B<sub>4</sub>), que examinei agora.

Referi-me acima ao conhecimento prévio que tem a benzedeira do motivo do chamado da cliente. Observe-se que ela não perguntou, por exemplo, "Em que posso servi-la?" Ao contrário, sugeriu a razão para a visita da cliente: "veio prá recebê oração, minha filha". Considera-se (B<sub>2</sub>), então, uma pergunta retórica. Entretanto, o fato de ser retórica não significa que

possa ser dispensada. As pessoas normalmente não fazem perguntas para as quais já sabem as respostas, sem uma boa razão para isso. Penso que a pergunta (B2) tem a função de tornar explícito o conhecimento das participantes sobre o tema da atividade. É significativo que seja a participante mais forte que toma a iniciativa de tornar explícito esse tipo de conhecimento.

As perguntas (B3) e (B4) diferem de (B2) pois seu objetivo é um pedido de informação. A informação solicitada é se foi concedido à cliente o status de "regular", ou se o seu nome consta da lista. Esta lista contém os nomes das pessoas para quem a benzedeira reza habitualmente. Com relação ao discurso geral das rezas e benzeções, as perguntas (B3) e (B4) têm a função de organização preparatória. Há outras estruturas com função semelhante, por exemplo:

(7) (para a platéia) então vamos, dá licença um momentinho

(para C) qual é sua situação agora minha filha (Fita 17:13)

(8) seu nome, como é (Fita 15:26)

(9) 'xa eu "panhá um raminho nê (Fita 5:12)

o pedido de licença em (7) permite à benzedeira virar-se de costas para a platéia para ficar "com" a cliente (Goffman, 1967). (8) apresenta uma estrutura alternativa para "cê já tem seu nome aqui" em (6), embora (6), diferente de (8), pressuponha associação a um grupo específico de clientes. (9) trata da organização dos objetos rituais e relaciona-se mais diretamente aos aspectos práticos do ritual do que as outras estruturas.

O exemplo de fechos que me proponho a discutir agora relaciona-se a uma estrutura de tomada de turno semelhante à abertura em (6):  
AB - AB - BA - BAB - AB.

(10)

[C: agora eu já posso ir embora (A<sub>1</sub>)

[B: pode minha filha, Jesus te abençoa (B<sub>1</sub>)

[C: então segunda-feira eu volto se Deus quisé (A<sub>2</sub>)

[B: e você já vem me trazê uma notícia

- satisfatória que seu marido já... hoje  
a hora que ele chegar em casa ( ) (B<sub>2</sub>)
- [ B: ele tá em serviço (B<sub>3</sub>)  
C: ele tem comércio ele trabalha direto (A<sub>3</sub>)
- [ B: mas ele vai almoçar em casa né (B<sub>4</sub>)  
C: vai (A<sub>4</sub>)
- [ B: então chega em casa e faz logo a cruzi- (B<sub>5</sub>)  
nha de sal do aldo de fora da porta viu,  
quando ele entrã dentro de casa ele é  
ôtro homem
- [ C: tá bem, tchau (A<sub>6</sub>)  
B: tchau (B<sub>6</sub>)

(Fita 18:3-4)

É significativo que embora a cliente inicie a conversa final, ela o faz através de um pedido de permissão para partir (A<sub>1</sub>). Isto significa que a posse do turno inicial não implica o controle discursivo. A benzedeira concede permissão à cliente (B<sub>1</sub>) e enuncia um Bom Voto. Bons Votos são enunciados em que o falante deseja ao ouvinte saúde, felicidade e proteção do mal. Este tipo de enunciado é uma estrutura recorrente nos fechos das rezas e benzeções.

Em seguida, a cliente demonstra a intenção de retornar (A<sub>2</sub>) e a benzedeira refere-se ao que disse antes à cliente (B<sub>2</sub>). Esta referência à conversa prévia tem a função de **fornecer um resumo**. De forma semelhante à explicitação do conhecimento que se tem da atividade, que discuto abaixo, é a participante mais forte que faz resumos.

No final de (B<sub>2</sub>), a benzedeira pausa subitamente, o que é indicado pelo parêntese vazio, e faz uma pergunta (B<sub>3</sub>). A pausa súbita serve para assinalar uma modificação na estrutura de tomada de turno<sup>13</sup>. Deste ponto até o final, é a benzedeira quem inicia os pares adjacentes. Em (B<sub>3</sub>), ela pergunta se o marido da cliente está trabalhando e, em (B<sub>4</sub>), pede confirmação de que o marido vem almoçar em casa. Em seguida, ela resume as instruções prévias que deu à cliente (B<sub>5</sub>). Observe-se que ela é a última a falar, uma vez que os "ciaos" em (A<sub>6</sub>) e (B<sub>6</sub>) nada acrescentam à conversa. Além disso, o fato da (B<sub>5</sub>) não se seguir da segunda

parte mostra que este enunciado se relaciona ao par adjacente anterior (B<sub>4</sub> - A<sub>4</sub>). Assim, a conversa final termina com uma complexa estrutura, formada de três turnos. O último turno, que resume a conversa, é o mais longo. Esses aspectos indicam um esforço por participante mais forte para dirigir o fecho.

### Controle do tópico e da tomada de turno

O conceito de turno enquanto termo foi definido na seção (2) acima. Portanto, focalizarei inicialmente aqui a definição de "tópico". De modo geral, os linguistas referem-se a tópico com relação à estrutura das sentenças<sup>14</sup>. De início, gostaria de descartar esta noção, já que minha preocupação é com a definição de tópico discursivo. Keenan e Schieffelin (1976:343) definem tópico discursivo como:

"a proposition (or set of propositions)  
expressing a concern (or set of concerns)  
the speaker is addressing."

Entretanto, essa definição é inadequada, como assinalam Brown e Yule (1983:71), porque reduz tópicos a títulos. Além disso, há o problema de Keenan e Schieffelin atribuírem um tópico discursivo "específico" a cada "enunciado" declarativo ou interrogativo<sup>15</sup>. Pode-se argumentar que o tópico se desenvolve geralmente em mais de um turno, então atribuir um tópico específico a cada enunciado declarativo ou interrogativo resulta em simplificação indevida da questão. Acrescente-se que quando o ouvinte não contribui com demonstrações de atenção, como por exemplo "ãhã", o falante abandona o tópico (Maynard, (1980:271). Por essa razão, o ouvinte também deve ser levado em conta.

Brown e Yule (1983:75) consideram tópico discursivo com relação ao que denominam quadro tópico (**topic framework**). A visão desses autores incorpora paráfrases igualmente aceitáveis do discurso interpretado, i. e., permite a formulação de hipóteses de conjuntos de possíveis interpretações. O problema então repousa no tipo de evidência que se apresenta para justificar um determinado conjunto de interpretações. Brown e Yule parecem resolver esse problema ao proporem que um tópico discursivo é formado pelos aspectos contextuais, chamados "aspectos ativados do contexto" ("diretamen-

te refletidos no texto"), sobre os quais se baseia interpretação dos discurso.

Na análise que farei agora de controle do tópico e da tomada de turno, refiro-me ao conceito **quadro tópico**, de Brown e Yule. Refiro-me, também, ao trabalho de Maynard sobre as diferentes condições que afetam a mudança de tópico no discurso (Maynard, 1980).

No exemplo abaixo, a cliente L.C.S. termina uma narrativa a respeito da queimadura sofrida por sua filha num incêndio. A outra participante é a benzedeira G.R.G. Na análise dessa amostra do discurso, examino o controle do tópico e da tomada de turno à luz dos "aspectos ativados do contexto" e da mudança de tópico.

(11)

- C<sub>1</sub>: queimô a mão e aqui - nossa foi o qui ele me falô qui num - qui num ( ) eu num trus se ela mais no hospítai não, curei ela im casa cum água de banana clara de ovo, sabe, mandei comprã panassepitiu pra í curano, a minina ficou sadia meu sinhô, nunca
- B<sub>1</sub>: [essa  
eu
- C<sub>2</sub>: minina adueceu nem febre nem gripe [até hoje
- B<sub>2</sub>: [eu curo
- C<sub>3</sub>: a menina, agora dia seis ] de agosto ela
- B<sub>3</sub>: queimadura cum sete dias ]
- C<sub>4</sub>: vai fazê cinco anos, essa criança [minha e o
- B<sub>4</sub>: [cum sebo
- C<sub>5</sub>: ôtro vai fazê ] quatro agora dia vinte e seis
- B<sub>5</sub>: e urucum ]
- C<sub>6</sub>: de agosto
- B<sub>6</sub>: pode sê profunda queimadura
- C<sub>7</sub>: aqui mesmo tem uma [vizinha qui a filha ta-  
va sabe, essas graça  
toda eu já aucancei cu'  
ela
- B<sub>7</sub>: cum oito dias qui ela já veio me procurá já

depois qui a minina uns treis dia qui a minina tinha queimado nê, tã a minina lã qui pode mostrã, queimada essa parte aqui toda assim qui a minina im grito, foi tocã ( ) veio do hospitau infaxada nê, a minha minina, qui é mãe desse minino moreno qui tava aqui, chegô arrancô a faixa qui tava na minina, lavô cum soro, e mandô buscã o sebo aqui im casa — e eu mandei o sebo, e ela quentô o sebo, qui eu vivo cum ele preparado (...) nê sebo cu'urucum, e num dexe imprete-cê não, fica amarelinho nê,

S8: sei

B8: a hora qui a pessoa queima você pega aquilo, põe pã derretê, quando tivê im ponto qui a pessoa agênta, de acordo a

C9: sei

B9: quei-  
madura passa cu'a pena de galinha,

C10: sim

B10: aqui-  
lo a queimadura vai chupando, a sustança da-  
quele óleo d'aurucum,

C11: sim

B11: e souta a cas  
quinha do sebo, torna a quentã novamente e  
torna a pô, pode sê a queimadura profunda  
como fô, eu tenho tirado gente de hospitau  
cuberto de Bicho, cum treis meis de queima-  
dura, cum sete dias eu curo ele, queimadura  
profunda assim ô, queimado cum souda

C12: (0,5 segs.)

P: (para C) como é seu nome

(Fita 19:7-8)

Apresento como hipóteses os seguintes "aspectos  
ativados do contexto":

(a) Tópico da cliente

queimadura da filha  
referência ao benzedor  
tratamento  
recuperação  
idade das crianças

(b) Tópico da benzedeira

como a benzedeira trata de queimadura o caso da filha do vizinho como a filha benzedeira tratou a menina instruções para o tratamento competência da benzedeira

Refiro-me a distintos tópicos da cliente e da benzedeira porque suponho que os tópicos representam a contribuição do falante à conversa: os tópicos pertencem aos falantes; fazem parte de um processo discursivo; são dinâmicos; são tópicos do falante (Brown e Yule, 1983:88). O primeiro "aspecto ativado do contexto" no tópico da cliente é a descrição da queimadura da filha (C<sub>1</sub>). Esta descrição se segue de uma referência ao que o benzedor dissera antes, com relação à doença da filha. Embora a referência seja curta e aparentemente sem importância, serve para ligar a queimadura com o ponto principal na narrativa: a doença da menina foi uma manifestação espiritual. Assim, a anáfora dá coerência ao tópico em termos do conteúdo geral da contribuição da cliente. Em seguida, a cliente descreve como cuidou da menina. Somos informados por exemplo, que ela não a levou de volta ao hospital (a menina estivera no hospital previamente) porque o benzedor antecipara a queimadura e a aconselhara a não se preocupar. Então a cliente parece estar fechando a estória, ao observar que a menina se recuperou. Na verdade, a benzedeira percebe o fecho e inicia sua contribuição (B<sub>1</sub>).

O tópico da benzedeira é relevante ao processo discursivo em discussão porque também versa sobre queimadura (Grice, 1975). Ela fala **topicamente**, i.e., procura adequar sua contribuição aos itens mais recentes do **quadro tópico** (Brown e Yule, 1983:84). Entretanto, o tópico da benzedeira refere-se a outros aspectos relacionados a queimadura, e.g., como ela trata de queimadura. Proponho, então, que (B<sub>1</sub>) e (B<sub>2</sub>) representam uma mudança de tópico, que envolve um movimento de comentários não especializados (da cliente) sobre o tratamento para a apresentação do ponto-de-vista de uma especialista. Porém, a benzedeira inicia o seu tópico antes de a cliente terminar. Em (B<sub>1</sub>) - (B<sub>7</sub>) trava-se

uma "batalha" pelo piso. A benzedeira inicia o seu tópicico em (B<sub>1</sub>), depois compreende que a cliente não terminou e se cala. Contudo, em (B<sub>2</sub>) ela insiste e ocorre fala simultânea em (C<sub>2</sub>) - (B<sub>5</sub>). A benzedeira adota uma estratégia para informar à cliente que tem uma contribuição a dar: fala lentamente e faz uma pausa - (B<sub>2</sub>), (B<sub>3</sub>), (B<sub>4</sub>). A cliente eventualmente percebe a mensagem e conclui seu tópicico em (C<sub>6</sub>). Assim, a benzedeira consegue estabelecer o controle do tópicico. Todavia, a cliente ainda tem alguma coisa a dizer e, neste último enunciado, dará um fecho a toda a narrativa que se iniciara dez páginas atrás na transcrição. Este fecho, que resume todos os problemas que a benzedeira já resolveu para a cliente, é produzido como fala simultânea (C<sub>7</sub>).

Estabelecido o controle do tópicico, a benzedeira desenvolve seu próprio tópicico que diz respeito aos itens alistados em (b) acima. Note-se que a cliente demonstra um interesse especial quando a benzedeira fornece instruções para o tratamento de queimadura, e ela dá demonstração de atenção em (C<sub>8</sub>), (C<sub>9</sub>), (C<sub>10</sub>), (C<sub>11</sub>). Estas demonstrações de atenção servem para apoiar o desenvolvimento do tópicico da benzedeira. Aparentemente, a benzedeira espera essas demonstrações de atenção, pois faz pausas curtas (0,1 e 0,3 segundos), indicadas pela vírgula, em alguns pontos, para que a cliente possa demonstrar sua atenção de receptora. A benzedeira mostra intenção de concluir o tópicico em (B<sub>10</sub>) e (B<sub>11</sub>), quando ergue a voz em "d'auruCUM" e "BIcho". A ênfase de "BIcho" deve-se ao fato de a benzedeira estar elogiando sua própria competência terapêutica. Ela conclui o tópicico no final de (B<sub>11</sub>). O fecho é indicado pela pausa de 0,5 segundos (Maynard, 1980). Neste momento, a pesquisadora introduz seu tópicico de entrevista.

### Conclusão

Como observação final sobre o controle do tópicico e da tomada de turno, ressaltarei dois pontos. Primeiro, o tópicico se relaciona à organização geral do discurso. Acima, apresentarei algumas evidências desta relação: a referência ao benzedor; o fato de gerar problema a mudança de tópicico no momento indevido; o fecho de uma unidade estrutural maior, a longa narrativa que

contêm a primeira parte do exemplo discutido acima (C<sub>1</sub> - C<sub>7</sub>); a aceitação pela falante das demonstrações de atenção da ouvinte; o uso de fecho.

O segundo ponto diz respeito aos ganhos obtidos pela benzedeira. As rezas e benzeções podem ser consideradas como trocas de um tipo especial de **bem econômico**. As benzedeadas trocam **bens simbólicos** por "agradados", ou seja contribuições ou "lembranças" (presentes) das clientes (Bourdieu, 1983). Estes presentes devem ser oferecidos segundo determinadas normas comunitárias locais, de grande interesse para o investigador. Por exemplo, não devem ser divulgados com alarde pois a "palavra de Deus não tem preço". É importante para as benzedeadas terem o controle do tópico e da tomada de turno como forma de afirmar seu poder perante as clientes (ver seção (1) acima). O objetivo final deste poder é a maximização do interesse econômico em termos do número de clientes que se agrupa em torno da benzedeira, oferecendo sua contribuição financeira e, principalmente, em termos da **melhoria de seu status social**. Isto é, quanto mais as clientes acreditarem que as benzedeadas são mulheres "boas" e "santas", tanto mais prestígio terão estas na comunidade local.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Como ilustração de encontros assimétricos, ver o estudo sobre a interação professor-aluno: Magalhães, M.I.S. e da Costa, P.H.H. (1986). *Discurso assimétrico: a interação professor-aluno*. Comunicação apresentada no I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. UNICAMP, Campinas.

<sup>2</sup> A noção "modos de falar" (*ways of speaking*) é de Hymes, D. (1972). *Models of the interaction of language and social life*. In Gumperz, J. e Hymes, D. (eds.) *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, pp.35-71.

<sup>3</sup> A respeito das relações entre língua e poder, ver Thompson, J.B. (1984). *Studies in the theory of ideology*. Cambridge: Polity Press, p.42 ss.

<sup>4</sup> Em um estudo clássico, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) propõem-se a estabelecer um modelo organizacional universal para a análise da conversação, sem a preocupação em distinguir entre encontros simétricos e encontros assimétricos: ver Sacks, H., Schegloff, E.A. e Jefferson, G. (1974). *A simplest systematics*

for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50(4):693-735. Um estudo recente sobre análise da conversação, publicado no Brasil, menciona a distinção entre esses dois tipos de encontros mas não explica tal distinção em termos de diferentes procedimentos para a tomada de turno: ver Marcuschi, E.A. (1986). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, p.16.

<sup>5</sup> Em Magalhães (1986), seguindo Cicourel (1980), defendi a idéia de que o discurso deve ser estudado em seu contexto sócio-cultural específico, para que se evitem falhas de interpretação com relação ao significado da interação. Como assinala Geertz (1978), para compreendermos o valor comunicativo de uma piscada de olho precisamos conhecer bem os atores envolvidos e o seu contexto sócio-cultural: ver Magalhães, M.I.S. (1986). Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso. *D.E.L.T.A.*, 2(2):182-105; Cicourel, A.V. (1980). *Three models of discourse analysis: the role of social structure*. *Discourse processes*, 3:101-32, e Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar (1973).

<sup>6</sup> Os dados foram coletados nas cidades satélites de Taguatinga, Gama, Guará, Planaltina e Ceilândia. A maioria dos habitantes destas satélites trabalha no Plano Piloto. As mulheres residentes nas áreas mais pobres são faxineiras, cozinheiras e lavadeiras e os homens, jardineiros, vigias, ou trabalham na construção civil. Os dados constituem-se de vinte e sete horas de áudio-gravações, com dezessete benzedores e dezenove clientes, e de um vídeo-teipe, de uma hora de duração. Predominam as mulheres tanto entre os benzedores como entre os clientes, razão pela qual emprego o gênero feminino para referir-me aos participantes das rezas e benzeções.

<sup>7</sup> Ver Magalhães, M.I.S. (1985), *The Rezas and Benzeções: healing speech activities in Brazil*. Universidade de Lancaster, Inglaterra, tese de Doutorado inédita, cap.1.

<sup>8</sup> Ver Turner, V.W. (1969). *The ritual process*. Harmondsworth: Penguin, p.89.

<sup>9</sup> Fairclough (1985) propõe a noção de "formações discursivas-ideológicas", um mecanismo explanatório para a análise do discurso nas instituições sociais. Supõe o autor que uma instituição social tenha diferentes (e conflitantes) "formações discursivas-ideológicas", uma das quais seja dominante. Uma formação "discursiva-ideológica" dominante se caracteriza por sua capacidade de "naturalizar ideologias", ou seja de torná-las discurso de senso comum, não-ideológico. Ver Fairclough, N.L. (1985). *Critical and*

descriptive goals in discourse analysis. *Journal of pragmatics*, 9:739-63.

<sup>10</sup>Um "tipo de atividade" é percebido culturalmente, definido pelo seu propósito e restringido pelos fatores: participantes, ambiente e contribuição (Levinson, 1979). A noção "tipos de atividade" aplica-se a uma ampla variedade de fenômenos comunicativos, em que o uso da palavra é optativo, e abrangem desde uma conversa casual, atividade sem roteiro, a "um pacote de fala", totalmente pré-estabelecido segundo um determinado roteiro. Ver Levinson, S.C. (1979). *Activity types and language*. *Linguistics*, 17:365-99.

<sup>11</sup>Ver discussão em Levinson, S.C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, cap.6.

<sup>12</sup>Foram adotadas as seguintes convenções para a transcrição dos dados:

- (...) palavras ininteligíveis
- ∪ ligação entre duas ou mais palavras
- , pausa inferior a 3 segundos
- pausa superior a 3 segundos
- ... interrupção gradual no fluxo da fala
- ( ) interrupção súbita no fluxo da fala
- // interrupção pelo ouvinte (back channelling)
- [ fala simultânea
- \* ruído
- ' elipse
- repetição de som ou palavra
- B benzedeira
- P pesquisadora

<sup>13</sup>O fato de que a pausa foi súbita merece consideração porque se a falante faz uma pausa lenta, a ouvinte pode interpretá-la como "lugar relevante para a transição" (ver Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974, *op.cit.*) e, portanto, uma oportunidade para escolher a si mesma como próxima falante.

<sup>14</sup>Ver trabalhos citados em Brown, G. e Yule, G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, p.70 ss.

<sup>15</sup>Não está claro o sentido atribuído a "enunciado" por Keenan e Schieffelin (1976). Um dos problemas de sua definição de tópico discursivo é o uso do conceito implícito de "enunciado": Ver Keenan, E.O. e Schieffelin, B.B. (1976). *Topic as a discourse notion: a study of topic in the conversations of children and adults*. In LI, C.N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, p.343.

## BIBLIOGRAFIA

- Brown, G. e Yule, G. (1983). **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourdieu, P. (1983). A economia das trocas lingüísticas, In: Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 39. Ortiz, R. (org.) Trad. Paula Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, pp.156-83.
- Cicourel, A.V. (1980). Three models of discourse analysis: the role of social structure. **Discourse processes**, 3:101-32.
- Coulthard, M. (1977). **An introduction to discourse analysis**. London: Longman.
- Edelsky, C. (1981). Who's got the floor? **Language in society**, 10:383-421.
- Fairclough, N.L. (1985). Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of pragmatics**, 9:739-63.
- Geertz, C. (1978). **A interpretação das culturas**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar (1973).
- Goffman, E. (1981). **Forms of talk**. Oxford: Basil Blackwell.
- \_\_\_\_\_ (1967). **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Garden City, N.Y.: Anchor Books.
- Grice, H.P. (1975). Logic and conversation. In: Cole, P. e Morgan, J.L. (eds.) **Syntax and semantics: speech acts**. Vol.3, New York: Academic Press.
- Hymes, D. (1972). Models of the interaction of language and social life. In: Gumperz, J. e Hymes, D. (eds.). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, pp.35-71.
- Jefferson, G. (1972). Side sequences. In: Sudnow, D. (ed.) **Studies in social interaction**. New York: Free Press, pp.294-338.
- Keenan, E.O. e Schieffelin, B.B. (1976). Topic as a discourse notion: a study of topic in the conversations of children and adults. In: Li, C.N. (ed.) **Subject and topic**. New York: Academic Press, pp. 377-84.

- Levinson, S.C. (1983). **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1979). Activity types and language. **Linguistics**, 17:365-99.
- Magalhães, M.I.S. (1986). Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso. **D.E.L.T.A.**, 2(2):181-205.
- \_\_\_\_\_. (1985). The **Rezas** and **Benzeções**: healing speech activities in Brazil. Universidade de Lancaster, Inglaterra, Tese de Doutorado inédita.
- Magalhães, M.I.S. e da Costa, P.H.H. (1986). Discurso assimétrico: a interação professor-aluno. Comunicação apresentada no I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. UNICAMP, Campinas.
- Marcuschi, L.A. (1986). **Análise da conversação**. São Paulo: Ática.
- Maynard, D.W. (1980). Placement of topic changes in conversation, **Semiotica**, 30(3/4):263-90.
- Sacks, H., Schegloff, E.A. e Jefferson, G. (1974). A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, 50(4):693-735.
- Schegloff, E.A. (1972). Sequencing in conversational openings. In: Gumperz e Hymes (eds.), op.cit., pp. 346-80.
- Schegloff, E.A. e Sacks, H. (1973). Opening up closings. **Semiotica**, 7(4):289-327.
- Thompson, J.B. (1984). **Studies in the theory of ideology**. Cambridge: Polity Press.
- Turner, V.W. (1969). **The ritual process**. Harmondsworth: Penguin.